PARANÁ | JULHO DE 2012 | EDIÇÃO 12 | ANO II

RelevO

Gregório Bruning

Munique Duarte
Giuliano Quase
Jonathan Mendes Caris
Jussara Salazar
Marilda Confortin
Marcelo Sandmann
Élisson Silva
Otávio Linhares

Daniel Zanella
Paulo Cleto
Whisner Fraga
Victor Martins
Danilo Georgete
Daniel Castro
Greta Benitez
Gabito Nunes

Editorial

Nas fronteiras do jornalismo e nos arredores da literatura, a crônica é um dos gêneros literários mais populares e controversos, amada pelos leitores e considerada 'menor' e superficial por muitos críticos.

Grandes escritores cultuaram o gênero: Laurence Sterne, Victor Hugo e Emile Zola, autores que implantaram ferramentas da ficção para contar a notícia e definir suas posições ideológicas. Entretanto, é no Brasil que a crônica assume outra definição e caráter.

Surgida discretamente nos primeiros impressos das grandes capitais, é no início do século XX, com Machado de Assis e José de Alencar, que a crônica começa a construir sua identidade singular. Ela evolui dos folhetins literários e vai se verificando cada vez mais breve, efêmera, recortada e simplificada, sem pretensões de permanência, espécie de herdeira da era da máquina, feita para durar até o dia seguinte, circunstancial.

A partir de 1930, com Rubem Braga e seus mais de 15 mil textos e trinta livros, a história amplifica, uma voz única, poderosa e mais um bom tanto de coisas - e é para o Velho Braga que esta edição é dedicada, este jornal que se abre para todos os tipos de vozes, mas sempre irá prestar contas às suas origens.

Uma boa leitura a todos.

Apoio Cultural

AVON

MERCADO JALU
CONFIRA NOSSA LINHA
EXCLUSIVA DE PERFUMARIA
3643-1912

Jornal União
www.jornaluniao.net | Siga o Jornal União no twitter: @UniaoCGS | www.facebook.com.br/jornaluniao

Foi bom

E nos amamos com uma certa honestidade, não foi? Ah, eu sou homem decente e você para mim é a imagem da mulher decente - vamos falar bem de nós dois? Merecemos. Nesse caso, pelo menos, um em relação ao outro, merecemos. Fomos bons. Foi bom. Muito obrigado pela cartinha. Adeus.

Rubem Braga

* Trecho dedicado aos contornos pernambucanos

Expediente

Fundado em Setembro de 2010
Edição: Daniel Zanella
Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo
Impressão: Folha de Londrina
Tiragem: 2000
Edição finalizada em: 06 de julho, 20h.

Contato

twitter.com/jornalrelevo
Facebook: Jornal Relevo
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para **jornalrelevo@gmail.com**
PDF's das edições anteriores:
issuu.com/jornalrelevo

Colaboradores

Ricardo Pozzo
Escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

Daniel Zanella
Cursa 6º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Uma beleza de guri.

Pierre Lapalu
Ilustrador paranaense. Publica seus trabalhos no endereço pierrelapalu.com.

Gregório Bruning
Fotógrafo paranaense.

Munique Duarte
Jornalista mineira. Publica seus textos no endereço textosimperdoaveis.blogspot.com.

Giuliano Quase
Escritor paulista e professor de literatura. Publica seus textos no endereço aguerradasimaginacoes.blogspot.com

Jonathan Mendes Caris
Escritor e estudante de Filosofia.

Jussara Salazar
Poeta e autora de diversos livros, entre eles Carpideiras (2011), contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária de 2009. Edita a revista eletrônica lagioconda.art.br.

Marilda Confortin
Escritora catarinense radicada em Curitiba. Publica seus textos no endereço iscapoetica.blogspot.com.

Marcelo Sandmann
Poeta, músico e professor de Literaura Portuguesa da UFPR.

Élisson Silva
Produtor e Mestre em Filosofia pela UFPR.

Otávio Linhares
Escritor paranaense, autor de histórias pulp e noir.

Paulo Cleto
Jornalista e comentarista de tênis e autor de *Gustavo Kuerten e Roland Garros - Uma história de amor*. Publica seus textos no endereço colunistas.ig.com.br/paulocleto.

Whisner Fraga
Escritor mineiro , autor de diversos livros, entre eles *Sol entre noites*. Publica seus textos no endereço whisnerfraga.com.br.

Victor Martins
Jornalista e comentarista de Fórmula 1. Publica seus textos no endereço victormartins.warmup.com.br.

Danilo Georgete
Cursa 8º período de Jornalismo na UP.

Daniel Castro
Cursa 8º período de Jornalismo na UP.

Greta Benitez
Escritora paulista. Publica seus textos no endereço gretabenitez.blog.uol.com.br.

Gabito Nunes
Escritor gaúcho, autor de Não Sou Mulher de Rosas. Publica seus textos no endereço gabitonunes.com.br.

! *O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

Noite para meu bem

Daniel Zanella

Ricardo Pozzo

Bebendo a solidão da noite
Entre um vinho de treze reais
E as lembranças de sua pele
Me ocorre te dizer
Que tenha cuidado comigo
Porque não sei ser completo
E a lista é longa
Seja paciente
Já quis ser homem
Cronista
Compositor
Jogador de futebol
Hedonista
Viajante
Jornalista
Comentarista de tênis
Crítico de cinema
Conhecedor de todo tipo
De algaravia
Amante de mulheres tristes
Astronauta na infância
Presidente de um país sem leis
Mas só consegui ser
Um apanhado abstrato
De tudo o que sonhei
Truques que sempre escrevi
Roubando de alguma canção
Até você me descobrir
Perdido
Entre as madeiras
De meu isolamento

Não sei se já te disse
O inverno não faz bem aos meus pulmões
E eu fico triste depois das três da manhã
Mês passado quase morri
Mas acabei esquecendo
Meus amigos agradecem
Porque sou um doente péssimo
Mal sabem eles minha querida
Que sou
Antes de tudo
Um menino
Em meio
Ao calor
De seus beijos
Sempre inéditos
Como o som do
Universo
Essa coisa que tenho
De ser
Um falso poeta

Não não fuja de mim
Mesmo que os meus bares amanheçam
Mesmo eu sendo um bom tanto velho
Para chorar ao seu lado
E para dizer que o mundo tem conserto
Eu não quero te fazer sofrer
Eu nunca direi que você foi o pior
Que me aconteceu
Porque não quero a morte
De seus olhos que amam
Além de si mesmos
Embora minha natureza seja distante
E as minhas paredes sejam diversas
Minhas mãos
Em cada momento de nossas preces
São todas suas
No intervalo entre
A sua boca
E a minha cidade litorânea

Ando escrevendo coisas
Que transpassam
Por lugar nenhum
Se você perguntar
Não saberei te dizer
Se escrevo por força
Ou por tédio
Mas desconfio que as melhores notas
Surgem do meu desconforto
E do que sinto e pede por si
Para ser gritado para fora de mim
Como esse arremedo confesso
Erigido após meu corpo
Clamar por seu nome
Mesmo que às vezes tudo me pareça
Uma canção copiada
Nas cores do ontem

Esses dias perguntaram
Sobre meus propósitos
Enquanto escritor
E sujeito político
De fato
Não tenho nenhum grande plano
Tudo o que ofereço
São copos
Porque minha geladeira sempre
Tem um trago
Cigarros também
Embora só fume de vez em quando
Canções muitas
Descobertas sem critério
Porque deixo o som do carro no modo
Aleatório
E algumas histórias tranquilas
Para acariciar seu pranto

Meu amor
Sente aqui
Ao meu lado
Não tenha medo não
Deixa eu te contar
Uma história
Chamada
Meu coração

Sobre homens e deuses

Marilda Confortin

Cala-te, homem!
Não molestes os deuses
com perguntas tolas sobre as mulheres.
Eles são etéreos.
Nada sabem sobre seres de barro,
modelados por mãos humanas.

Tu me imaginaste e me esculpiste.
Sabes quem sou e onde estou.
Por que me buscas tão distante?

Esquece tudo o que sabes
e me toca, cego, em braile.
Aguça o tato e trilha o caminho úmido
que conduz ao útero.

Já o percorreste
quando eras esperma,
lembras?

Adentra-me.
Por alguns instantes,
não serás homem nem mulher.
Serás Deus.

Quando te liquidificares em mim,
saberás que a vida começa
numa pequena morte.

Chão e ar te faltarão.
Mas, te sentirás mais seguro que nunca.
Porque saberás que é aqui,
dentro de mim,
que te inicias e acabas.

Gregório Bruning

E aí, tudo bem?

Daniel Castro

Todo dia tento, insistentemente, fugir dele. Sala de espera, portaria, padaria, elevador, este último principalmente. Todos estes lugares são redutos do temível "tudo bem?". Não sei quando essa expressão foi inventada, muito menos com qual finalidade. O fato é que basta adentrar um desses ambientes supracitados que, mais cedo ou mais tarde, virá um "tudo bem?".

Pior do que terem inventado tal expressão, foi quem convenceu meio mundo que utilizá-la era um sinal de educação. Muito pelo contrário. Ao ouvir o terrível questionamento, o receptor sente-se oprimido, um pequeno verme diante de tamanha indagação.

O mais incrível é que a resposta deveria ser óbvia, mas insistimos em responder exatamente o contrário. Nunca está tudo bem, nunca estará, não sejamos hipócritas. Tudo significa tudo. Portanto, jamais tudo estará bem. Mas, basta responder que não está tudo bem, que o mundo prontamente desaba para o questionador. "Como assim, o que está acontecendo, quer desabafar?", certamente indagará.

Portanto, todo dia travo uma dura batalha, cuja munição é composta por "como vai", "como está", e similares. Muito mais justo, muito mais honesto, mas como é difícil. Quando você menos espera, um "tudo bem" estará escorregando pelo seu teclado, ou ainda tentando pular pela boca quando aquela guria entrar no elevador.

É por isso que convoco um movimento para extirpar essa, que resume toda a porcaria que são as chamadas perguntas retóricas. Sendo assim, quem sabe em um próximo passo consigamos exterminar as músicas de elevador, conversas sobre o tempo e outros males mais derivados desse tal de "tudo bem".

Convite

Greta Benitez

Eu brinco com dragões
Todos têm seu jeito
De lidar com maldições.
No apartamento antigo
Estamos nós todos fora de perigo
Os dragões moram comigo
Difícil receber visitas
Quer vir aqui?

Gregório Bruning

Aviso:

Fechem suas portas
Porque o minotauro está à solta
E todas as noivas estão bêbadas.
As castanhas portuguesas estão envenenadas
E os drinks foram preparados
Não se sabe por quem.
O tornado é o sopro do homem do lago vermelho
E a purpurina vai se espalhar pela festa.
Fechem suas portas, famílias cristãs, cubram seus espelhos
Protejam suas virgens em tules sagrados
Porque os homens mais feios, agora belos são considerados
Eles são os noivos
E chegarão em fúria.

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

Élisson Silva

Berlin

Poesie Festival Berlin 2012 – de 1 a 9 de junho
Di 5.6 20:00 Uhr (Ich bin dort gewesen!)

Mit
Ricardo Aleixo (Brasilien) / Barbara Köler (Deutschland);
Jussara Salazar (Brasilien) / Christian Lehnert (Deutschland);
Dirceu Villa (Brasilien) / Ulf Stolterfoht (Deutschland).

Três poetas brasileiros, três poetas alemães e três tradutores. Os convidados, mesmo não conhecendo a língua alemã, deveriam transformar a tradução crua, feita pelo tradutor, em uma obra poética na língua portuguesa. E o mesmo do português para o alemão. Com efeito, isso implica sonoridade, ênfase, apreensão, reflexão e lirismo, além de desconstrução e construção. Traduzir poesia, como sabemos, não é tarefa fácil, quando mais num idioma bastante adverso ao nosso. O formato da proposta foi interessantíssimo, pois mostrou a complexidade do trabalho de tradução, bem como a múltipla produção artística introduzida por cada poeta, ou seja, criar um poema, ler e interpretar um texto bruto traduzido de outro poema e, então, recriá-lo em formato poético. Coisa de alemão.

Eu estava acompanhado de uma amiga alemã que, en passant, fala muito bem a nossa língua e estuda a literatura brasileira, o que me foi bastante útil, pois, conforme seu entusiasmo e comentários críticos durante as leituras proferidas por cada poeta, pude conferir quais foram os destaques da noite. Tive orgulho de presenciar a amiga poeta Jussara Salazar com Christian Lehnert (Deutschland) lendo e interpretando um ao outro. Minha amiga alemã considerou os poemas de Jussara, sendo lidos em alemão, bastante profundos. Sim, eu também acho. Já os poemas do Christian interpretados por ela tiveram uma expressão bastante espontânea, pois Jussara inicia um dos poemas com um canto, o que surpreendeu todos ali presentes. Ela o fez com naturalidade.

Fui cumprimentá-la pessoalmente e depois brindamos num vernissage que ocorria ao lado de fora do auditório, ao som de Tom Jobim, interpretado por um casal alemão. A simpática violonista, por sinal, cantava num suave português e fazia de seu violino um cavaquinho, enquanto seu parceiro teclava brasilidade em seu instrumento comum. Foi bom. Aliás, sehr gut!

O Festival em si é digno de aplausos. Pois retira da poesia um universo de possibilidades cinemáticas, músicas, cênicas, debates, leituras e mais leituras e várias oficinas literárias. Obviamente, livros estavam à venda. Foi dado destaque ao Brasil em função de que o ano de 2013 será o Ano Brasil-Alemanha, essas coisas diplomáticas que, vez ou outra, trazem alguns benefícios culturais. Por fim, relato algo que muito impressionou: a diversidade étnica envolvida na programação do evento. Dentre eles: Alemanha, Brasil, Chile, China, Portugal, Croácia, França, Bulgária, Romênia, Lituânia, Irlanda, Itália, Espanha, Eslováquia, Polônia, Grécia, Ucrânia, Groelândia, Bélgica, Finlândia, Dinamarca, Tunísia, Arábia Saudita, Macedônia, Tansânia, Egito, Etiópia, Estados Unidos, Quênia, Sudão, Síria e mais alguns outros. Em ano olímpico, essa pluralidade representou a mim uma olimpíada da poesia cujo objetivo, porém, não implica em competição, mas no enriquecimento cultural em prol do sortimento de identidades e no aperfeiçoamento da poesia de bom conteúdo.

Ricardo Pozzo

Como se fosse o primeiro beijo

Danilo Georgete

Era sábado, com os amigos numa mesa de um bar no Largo da Ordem. Fazia frio. O vento que batia gelava ainda mais a cerveja em cima da mesa. A batata frita e o frango frito esfriavam na mesma intensidade que a cerveja. Mas o papo era bom, muito bom para ir embora pra debaixo das cobertas.

Como sempre, nós conversávamos sobre futebol, sobre aqueles jogos que não vimos, aqueles momentos que não presenciamos, as histórias que os livros nos contam, que a TV e o youtube nos mostram. Sempre fui estudioso futebolístico, meus amigos também. No dia da cerveja de sábado sempre lemos, estudamos a fim de mostrar nossos conhecimentos durante um brinde e outro.

Somos boleiros, boleiros estudiosos, aqueles que só presenciam a paixão nacional na pelada de domingo ou na conversa do bar. O papo do dia era qual foi a melhor seleção brasileira da história. Éramos em quatro na mesa. Mas não houve unanimidade no assunto. Rolou um 3x1. Enquanto os três falavam que o escrete de 70 foi disparado o melhor, eu questionava dizendo que a seleção de 58 era muito melhor. Houve risos na mesa.

A seleção de 58? Nos dê motivos. Ao meu ver: A seleção de 58 é a menina dos olhos do nosso futebol. Sem ela não seríamos o que somos hoje, sem ela não seríamos o país do futebol. A seleção de 58 é a primeira namorada, o primeiro beijo, aquele que a gente nunca vai esquecer. A primeira noite de amor, intensa, apaixonante, inesquecível.

Tudo bem que a seleção de 70 foi maravilhosa, mas não tinha tanto peso nas costas, só o peso de um fiasco na Copa de 66. A seleção de 58 resgatou o amor nacional, tinha o anjo das pernas tortas, a enciclopédia do futebol, o rei e seus súditos. Era uma equipe magnífica, que venceu os donos da casa com maestria. Lutamos contra tudo e todos, as adversidades da viagem até a Suécia. Contra o fato de não podermos jogar de amarelo e "inventar" o manto azul, que Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação, falou que era assim que ele queria jogar, com a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida.

Enquanto falava, via meus amigos atentos, entre um gole e outro. Minhas colocações não mudaram a visão deles, mas muitos nem tinham visto imagens do nosso primeiro mundial. Continuei defendendo minha opinião. A seleção de 58 superou o grande time de Fontaine, aquele time da França que foi um dos melhores da história, aliás, foi a única vitória do Brasil em cima da França numa Copa do Mundo.

Tomo um gole de cerveja, respiro, e vou para a parte final da minha fundamentação defendendo a seleção de 58 como a melhor da história do futebol brasileiro. Aquele time jogava com magia, tinha um menino que só não fez chover, tinha Garrincha voando, tinha Nilton Santos, o único remanescente da fatídica final da Copa de 50, o Maracanazo... O goleiro era o Gilmar dos Santos Neves, o melhor arqueiro da história do futebol brasileiro. Existia ali um time a fim de apagar as decepções de 50 e 54.

Gregório Bruning

Eles conseguiram, fizeram com que o Brasil tivesse a magnífica equipe de 70, a famosa seleção canarinha de 82, que conseguíssemos o tetra em 94 e o penta de 2002. Se não fossem eles, os nossos de 58, sabe lá o que seria do nosso futebol. Sem a seleção de 58 não iria existir a de 70.

Acabei minha cerveja, abri a carteira, deixei vinte reais em cima da mesa e fui embora pensando em como seria a conversa do próximo sábado.

A Queda de Deus

Victor Martins

SÃO PAULO | Eu não vi nem vivi nenhum discurso sindicalista de Lula. Quando o mundo por aqui ainda ditado por generais e coronéis, sua voz rouca vinda da língua presa era o levante dos trabalhadores, primeiro aqui do estado e depois de um povo. O traquejo político de Luiz Inácio, ainda que não resultasse, de imediato, vitória, era evidente e iminente na criação de um grupo partidário. Com o PT, fez-se líder natural, e suas bases esquerdistas e manifestantes eram o contraponto daquela escória de governo que o colocou na cadeia. Livre, trabalhou pelas eleições diretas e lutou ao seu modo com seus companheiros depois que SP não quis como governador. Oposição, foi brigar pela presidência do Brasil, e se era na conversa que ganhava adeptos, foi num debate manipulado que perdeu a eleição para Collor.

Nem daquele debate eu lembro direito, mas nunca me saiu da cabeça a campanha que artistas fizeram para que lá brilhasse uma estrela. Também tenho lá um recorte do passado de Lobão indo ao Faustão, quando Lobão e Faustão eram bons, e que o apoio do cantor significou em sua punição a qualquer programa da Globo, a autora principal da chegada do rapaz do saco-roxo ao controle do país. O povo queria Lula desde então, ainda mais quando se viu a cagada que foi pôr Collor. Uma manifestação popular se fez, e os caras-pintadas, oh!, viraram símbolo da queda de Fernando há 20 anos.

O PT era visto como a anarquia e aversão por gentes acostumadas à represália. Lula, então, era o chefe de sequestradores, a ralé e a besta quadrada. Assim rotulado, foi tentar as cabeças de novo em 1994, mas não teve como bater FHC e seu plano real que dava uma estabilidade econômica a estas mesmas gentes habituadas ao tempo de inflação deste Sarney que por aqui ainda faz hora extra. Em 1998 aconteceu o mesmo, mas Lula foi se fortalecendo. Lula cresceu muito mais que o PT, apesar de ser impossível dissociá-los. Quando a patuleia cansou de oito anos de pouco crescimento econômico e neoliberalismo, e já formava uma geração jovem que não tinha ideia do que foram aqueles tempos de repressão, tipo a minha, deu-lhe então a chance – até porque nenhuma nação no mundo mereceria José Serra como seu representante.

Lula não era rei, mas tinha lá seu lugar no trono. Foi capaz de mudar o país, de formar uma nova classe média, de manter a inflação a índices baixos, de renegociar dívidas e, principalmente, de fazer com que a imagem do Brasil fosse completamente diferente. Lula deu a esta terra um respeito nunca antes visto na história. Lula só não conseguiu agradar outros tantos mais porque a mídia ainda era colonizada pelos antigos. Vieram as denúncias, como para os outros eram abafadas. O PT teve lá suas maçãs pútridas.

Mas Lula, na tentativa de agradar alguns, desagradou. Dentre os seus erros, os mais estranhos estavam no tipo de alianças que começou a formar. Antes combatente, deu os braços a Sarney e Collor. Na prática, foi juntando qualquer um que não fosse tucano. Se foi caracterizado pela oposição, a situação era estranha. Mas como a popularidade só aumentava, Lula foi se mantendo intacto. Sua força foi tamanha em 2010 que transformou Dilma Rousseff, desconhecida do grande público, em sua sucessora – ainda bem. No fim das contas, a vitória de Dilma foi menor que a de Lula. Lula virou rei. Eu vi e muitos de nós vimos isso. Virou deus.

E ser deus talvez tenha sido o grande diabo na vida de Lula. A partir do momento em que ele viu a cria, parceira dos tempos de luta de 30 ou 35 anos atrás, discursando com a faixa no peito, Luiz Inácio achou que era Midas e faria de tudo tal como fora. Se a presidenta se consolidava, e ainda sem dar chance alguma aos erros ou parcerias nefastas, Lula precisava concentrar seus esforços em afastar o mal do estado que levou ao mundo e sua capital. E tal qual fez com Dilma, sem olhar para o todo, quis criar um candidato que extirpasse primeiro o prefeito que entrou por demérito de Marta Suplicy e seus chegados e acabou com a vida da cidade. Lula não se ligou que, como a burrada com Collor de 1992, o povo estava inclinado em dar de novo chance a Marta. Preferiu tocar em Fernando Haddad.

Ainda abraçado ao PMDB, Lula só esmoreceu por conta da saúde. Mas os tumores na região da garganta não o tiraram do combate. Convalescendo, viu o morto Serra e as denúncias da privataria entrarem na disputa. Viu também os incríveis 30% de intenção de voto que este ser carrega. Lula insistiu. Haddad tinha (tem?) uma combinação contra: o desconhecimento e os problemas que o Enem lhe colocou no colo. Marta, apesar de sua rejeição, era a pessoa naturalmente mais indicada. E preterida, naturalmente optou pela birra de não apoiar Lula e Haddad. Simples. Porque Marta sabe que venceria com

Ricardo Pozzo

um pé nas costas uma eleição que se desenha como a pior da história em termos de opções e poria o PT de volta à prefeitura. O sucesso de Lula subiu à cabeça. Lula preferiu ser mais que o PT.

Diante do cenário em que está atrás de um ex-repórter de programa policial, uma ex-VJ que abandonou todo o nexo possível e um ex-cantor/apresentador marcado por umas bifas, Lula praticamente sozinho iniciou as suas articulações para que tivesse mais tempo de propaganda, que é sua única opção prática para difundir Haddad e aumentar os iniciais 3% e atuais 8% das pesquisas. Eis então que aparece Paulo Maluf na vida de Lula. Que reaparece.

Maluf era tudo que Lula combateu na sua vida desde o fim dos anos 70. Foi Leonel Brizola, mentor de Lula, que cunhou a expressão "filhote da ditadura" para Salim, aquele que também tem em si o adesivo do "rouba, mas faz", do "se o Pitta não for um bom prefeito, nunca mais votem em mim", e das tantas denúncias de desvios milionários e contas em paraíso fiscal que a santa polícia desta pátria finge que avalia. Maluf é a água do óleo que sempre moveu Lula, aquele Lula. Símbolo de tudo isso aí, Maluf virou a bizarra moeda disputada entre Serra, com quem tanto se parece, e Lula.

É difícil imaginar, para o eleitor mais racional, que o eleitor de Maluf vote em Lula/Haddad. Ou que, justamente, ter Maluf, hoje absolutamente irrelevante no palco político paulista, fazendo campanha a favor de Haddad vai fazê-lo mais forte. O PT precisava justamente se limpar de todos estes horríveis elos para tirar quem não lhe parecia igual, por posturas políticas, e até havia ganhado o bom suporte da injustiçada Luiza Erundina e do PSB para evitar o vampirismo. Mas hoje, este Lula apertou as mãos de Maluf.

Este Lula, definitivamente, não é aquele Lula. Aquele Lula que eu não vi discursar para as massas, aquele Lula que brigou pela democracia, aquele Lula que tentou mudar o país contra um playboyzi-

nho e contra u
cadeira de Sor
Lula que subiu
me fez sentir o
aquele preside
presidente, o p
meus ralos e
sociais, aquele
essa Dilma que
deixa tranquilo
honesto e rígido
Lula tocou em
de tempo na T
Não é à toa q
se mistura. Mu
Erundina quei
aliança — aliás,
esperto o sufici
como candidata
que meu voto n
ou justificado.
respeito. Elas
convicções. Nã
no mundo que
motivo mais evi
que. O PT, anu
para a derrota d
ganhas dos últi
1 minuto e 35 s
desconstruiu 30
de história.
Hoje, eu vi a q
meus deuses, e
eu tenha vivido

m sociólogo de
rbonne, aquele
a rampa e que
orgulho porque
nte era o meu
presidente dos
parcos ideais
Lula que pôs
igualmente me
de um trabalho
o.
Maluf em troca
TV e no rádio.
que Marta não
uito menos que
ra sair já desta
, que o PSB seja
ente para pô-la
a; só assim para
ão seja anulado
Elas, sim, têm
cultuam suas
ão há produto
limpe isso nem
dente que expli-
uente, caminha
as eleições mais
mos anos. E por
segundos, Lula
0 e tantos anos

ueda de um dos
é uma pena que
o para ver isso.

Quebrando a banca

Paulo Cleto

Ricardo Pozzo

Eu já tinha encerrado o meu dia e me preparava para bater a minha bolinha quando o pessoal decidiu que iria colocar o teto na Quadra Central e mandar Nadal e Rosol tirarem a coisa a limpo ainda hoje. Nada de quinto set para o dia seguinte – isso é para quem não tem teto.

Bem, a esta altura, o Rafa deveria estar pensando que não foi uma boa ideia. Ele voltou para a quadra, após uma meia hora de intervalo, enquanto o negócio fechava, e foi quebrado logo no primeiro game do quinto set. Custou-lhe a partida, um caminhão de pontos e a segunda colocação no ranking (sobe o Federer), e a confiança para se dar bem nas Olimpíadas. É só tristeza.

O tal de Rosol tomou Pirol. O que o rapaz deu na bolinha foi de outro planeta. Como ele se viu com a vantagem do break logo no início do set final, não quis saber de dar ritmo ao espanhol, que é a coisa que ele mais gosta, tirando correr atrás de bolinha, dar roscas na peludinha e rápidas puxadinhas na cueca.

E quando muitos podiam pensar que o tcheco tremeria na hora da onça beber água, o rapaz irrigou a grama sagrada com cusparadas das mais sem vergonhas e enfiou a mão no saque como se tivesse jogando um ATPanga. Esburacou a quadra com o serviço e forehands e quando Nadal conseguiu devolver levou pancada no contra pé logo na primeira bola.

É claro que Nadal não "entrou" no torneio. Aliás, faz tempo que um cabeça 32 não perde tão cedo. E para alguém tão desconhecido. O brasileiro também teve sua oportunidade de escrever o nome na história do torneio na primeira rodada, os 0×4 estiveram lá para não me deixar mentir, mas não teve o espírito que baixou no Rosol. Oportunidades dessas tem que agarrar pelo cabelo, porque não vai ficar pulando na sua frente como se fosse mocinha assanhada.

O tcheco, treinado pelo Slava Dosedel, que jogava reto como ele, e como o Mecir também – acho que o bonde Spin não passa pela estação Boemia – é um garotão de quase 2m, atual #100 do ranking, nunca venceu um ATP Tour e, aos 26 anos, jogava a chave principal de Wimbledon pela primeira vez! Zero de experiência na grama e muito menos de Quadra Central. Pra que, diria ele, – eu tenho a força!

O rapaz acordou, virou para o lado e pensou – eu hoje vou me dar bem! Já que é Nadal, é grama, é Quadra Central, para que vou ficar empurrando bolinha e me preocupar com mixaria? Alguém aí me passa uma garrafa de Guinness e o vidrinho de Confiatrix! Vou para as cabeças, estou a fim de quebrar a banca de algum bookmaker londrino e botar o meu nome na primeira página do The Times.

No intervalo, no vestiário, só se ouvia: *Rafa, dejte si pozor.*

AVON
the company for women

Quer revender?
Entre em contato com a gente
Jucélia
(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

RECEITA PARA MACERAR OSSOS E ARREMETER CONTRA CÉLULAS EM ALVOROÇO

Whisner Fraga

Convoco os homens para o apostolado da impiedade
É urgente o aprisionamento dos bichos
Aferrolhem os lobos-guarás
Trancafiem os tamanduás
Enjaulem os gatos
Prendam os cães
Dobermans, shih tzus, filas, pinschers
Persas, siameses, somalis, angorás, ragdolls
Engaiolem as capivaras
Acorrentem as sariemas
Amarrem os animais

Precisamos extinguir essa movimentação endêmica, essa dinâmica anarquista
Pretendamos um mundo inanimado!
Uma natureza morta em um quadro de respiração e desgosto

No km 404 da BR 365 eu vi um gato
Um gato nem sei se gato
Sem raça definida
Sem costelas definidas
Sem focinho definido
Sem orelhas definidas
Um pandemônio de músculos, sangue, pneu, asfalto e calor
Como se fosse uma coisa feia renunciando a outra coisa feia
Como se fosse uma coisa nojenta evadindo-se de outra coisa nojenta
Uma guimba de rabo desfigurada acena para mim
Estaciono: o carro se cala no acostamento
O homicida à combustão interna afronta a epidemia liquefeita

Os gatos e seus saltos gorados
Os tatus e suas couraças esmigalhadas
Patas, cabeças, bacias, pescoços – tudo pasta e arrebatamento
A imobilidade e seu relincho teimoso de vítima

Avante, avante, avante!
Convoco os homens para o apostolado da impiedade
É urgente o aprisionamento dos bichos.

Ricardo Pozzo

Quase amores

Gabito Nunes

Quase amores não existem. E não existem mesmo. Mas existem. Tudo bem, você pode desconfiar de um quase corno. Mas, provavelmente, nunca apertou a mão de um semi-gay. Ligeiramente grávidas são um desafio para a ciência. De meio amigos também não há registros, porém para encontrar mui amigos, chute uma lata e surgirão como ratos. Mas quase amor existe.

Quase amor é aquele ensejo de romance que surgiu com sabor de sorvete de baunilha. Você foi dar uma colherada com gosto e SPLASH! Ao levar o prazer até a boca, o doce escorreu e espatifou, melecando sua calça jeans. Todo mundo passa por isso, quer queira, quer não. Histórias de quase amor não lotam pré-estreias em Los Angeles, mas na vida sem bilheterias goleiam impiedosamente os contos de amor concreto.

Um amor que não passa do primeiro beijo porque o cara é noivo, é um quase amor. Um romance que não chegou no sexo, pois uma das partes embarcou com urgência para Londres sem aviso prévio, é quase amor também. Visualiza a cena: você gosta de uma garota comprometida e pede a ela que não suba no ônibus. Ou será o fim. Ela titubeia, faz bem-me-quer, mas segura o corrimão, ergue o pé direito e te olha com beiço de despedida. Pronto, outro quase amor saindo quentinho. Uns duram cinco anos, outros cinco meses. Raros, cinco dias. Contudo – de fato e amargamente – quase amores se dão como formigas em pote de mel.

Por isso quase amores existem e não existem. Talvez não tivera beijo, ou não houve sexo, quiçá um abraço de urso. Quase amores são cheios da falta de café na cama, juras de amor eterno, cena de ciúme, mordida no queixo, lutinha no carpete, banho de espuma, briga na casa da sogra, despedida em rodoviária, confusão de chinelos, chimarrão no meio-fio, troca de alianças, beijo na testa, orgasmo com choro e velhice compartilhada.

E se engana quem pensa que os quase amores são aqueles impossíveis ou proibidos, do tipo Janet Dailey. Amores por um triz têm motivos circunstanciais. Amor que é proibido, mas os dois se correspondem, já é amor completo, mesmo que imperfeito. Quase amor é quando um dos lados se doa pela metade, quando tanto. Aí é pretérito. Bem mais que imperfeito.

Quase amor é um lugar estranho e ao mesmo tempo familiar. Aconchegante e inóspito. Enérgico e gélido. É como quando você tem um déjà vu ao entrar numa rua ladrilhada dessas de cidade histórica. Um lugar aonde você jamais esteve, porém consulta sua memória rígida buscando reconhecer árvores, calçadas e telhados. Uma saudade abstrata pressiona o peito. E quase dói.

Indiana

Otávio Linhares

Primeira Parte

- Sabe o que eu acho mais legal, Detetive?
- Humm?
- Ficar olhando vocês polindo essas armas, e cuidando de tudo bem certinho…
- Mais ou menos.
- Mais ou menos o que?
- Nao é tão certinho assim.
- Tá, mas é legal.

silêncio

- Posso te ajudar?
- Pode. Pega um pano pra você ali na gaveta do armário da cozinha.
- Tá. E agora?
- Isso aí é o carregador. Ele serve pra você colocar os cartuchos dentro, encaixado assim, olha só.
- Humm…
- Só que precisa tá bem limpo, senão esssa porra emperra e aí é bem capaz que você se ferre. Então, pega um oleozinho e vai de leve polindo, deixando bem azeitadinha e depois deixa de pé na pia pra escorrer e deixar o óleo agir engraçado como ela gosta disso que depois vou te ensinar a desmontar uma arma em primeiro escalão.

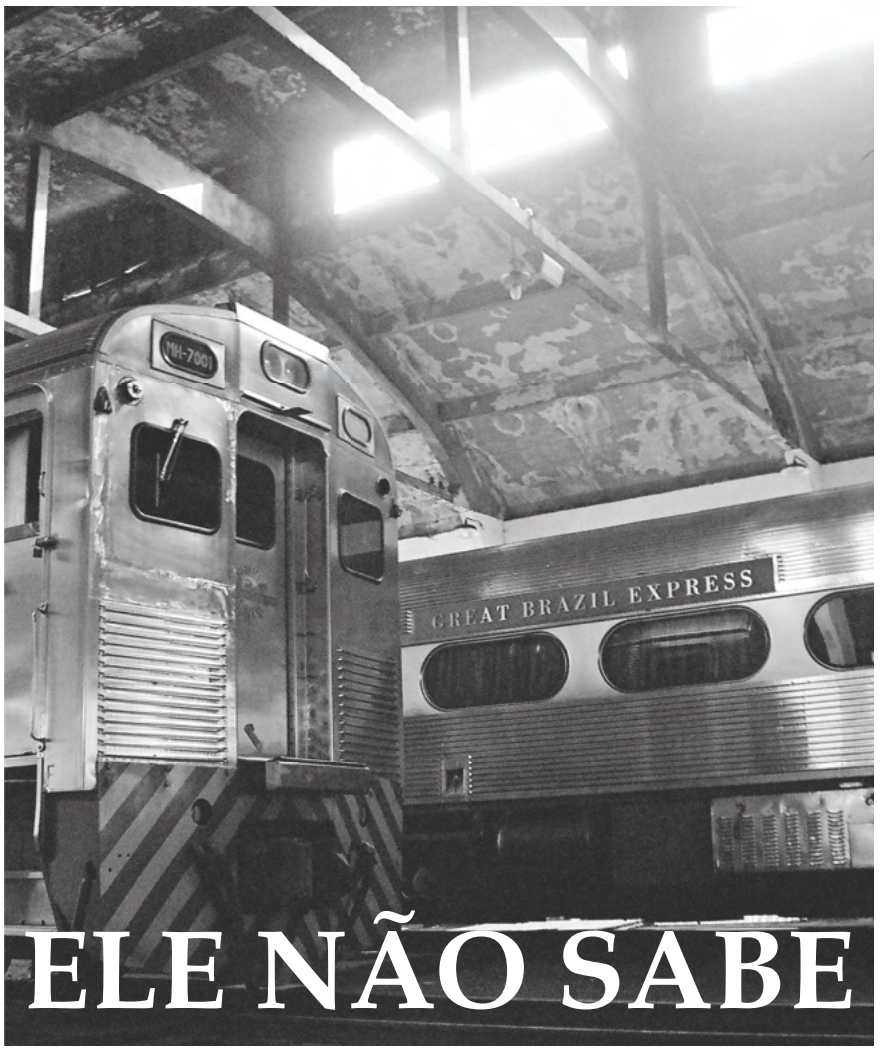
Passamos a manhã inteira limpando a Jéssica. Os trabalhos nos últimos meses tinham melhorado e eu e o Lufus acabamos precisando contratar um estagiário pra cuidar das coisas de telefone e agenda, essas coisas chatas que os estagiários são mal pagos pra fazer. Só que com a gente acabou sendo um pouquinho diferente, porque nareal não precisávamos de estagiário pra nada. Essa aí é uma menina novinha, acho que tem uns quatorze ou quinze anos, não sei direito. Não pergunto e ela fala, então estamos bem assim. Ela é filha de uma das prostitutas que zanzam…, que zanzavam pelo Gato Preto e adjacências, e que viu a mãe ser rasgada por um punhal e depois levar seis tiros, isso tudo logo após uma discussão com o namorado por causa de umas pedras de crack e de dez reais de um programa, que segundo a menina, ela nem tinha recebido, porque tinha levado o calote de um taxista que comeu a mulher no carro e chutou-a pra fora logo em seguida, ou seja, a noite daquelas pessoas tinha sido uma merda e o namoradão ainda quis tirar o que ela não tinha. Que maravilha. Eles estavam de parabéns, é deprimente o ponto em que podemos chegar.

Marcelo Sandmann

ELA NÃO SABE

Ela não sabe
quem foi
Mao
Tsé-tung.
*
Ele acredita que
o rock
surgiu
ali por fins dos
anos 70,
em Londres,
com um grupo
que seu pai
ouvia
muito em casa,
qualquer
coisa assim como
The Crash,
ou
The Flash.
*
Não, querida,
não visitei o blog
ainda,
mas imagino
que sábias
reflexões sobre
o Ser, o Tempo
& a Poesia
não deverei
encontrar
por lá.
*
Definitivamente,
boné e
piercing no nariz
não fazem
meu
estilo.
*
Beethoven,
Bach e Brahms
são nomes que,
sem dúvida, começam
com a letra B,
assim como
Britney Spears.
Mas, a
menos que eu
esteja muito
equivocado,
as semelhanças
param por
aí.
*
Sim, pois,
como diria
Paulo Coelho:
"há mais coisas
entre o céu e a terra
do que sonha
nossa vã
filantropia".

Ricardo Pozzo



ELE NÃO SABE

Ele não sabe
quem foi
Yasser
Arafat.
*
Ela imagina
o dia em que estará
desfilando
pelas
mesmas passarelas
do mundo
onde brilhou
Gisele,
logo que
perder aqueles
oito
quilinhos.
*
Claro, o Facebook
é a melhor
maneira
de se
reencontrar
os
velhos camaradas
de escola dos
quais há anos
e anos e
anos
já não temos
qualquer notícia,
felizmente.
*
Não tenho
uma grande cultura
culinária,
mas um Big Mac
e uma lata de
Coca-Cola,
aqui
nesta
praçadealimentaçãohiperlotada,
não será
a melhor maneira
de se
iniciar uma
relação.
*
Beethoven,
Bach e Brahms
são nomes que,
sem dúvida, começam
com a letra B,
assim como
B. B. King.
Mas, pra
ficarmos
um pouquinho mais
à vontade,
você sugere mesmo
um pot-pourri
com
Karajan regendo
Wagner?
*
Sim, pois,
como dizia
Matusalém...
O que é que
Matusalém
dizia
mesmo?
VÁ PELA SOMBRA, MEU FILHO

Encontro com a morte

Jonathan Mendes Caris

Ricardo Pozzo

Estou com frio, cada vez que olho para o sol, sinto mais frio.
Minhas vistas ficaram esfumaçadas.
Gritei pelo teu nome e você não me ouviu.
Com os olhos te procurei, mas não a encontrei.
Precisei sentir o teu calor para me aquecer,
Mas você não estava aqui.
Minhas forças estão diminuindo, eu sinto isso,
Que mal eu consigo segurar o lápis,
Minhas articulações não se movem como antes.
Ainda sinto muito frio,
E meus dentes batem uns aos outros.
Ouço o canto dos pássaros vindo de longe,
Mas eu olho, e vejo que eles estão bem próximos de mim.
Agora meus olhos falharam e tudo ficou escuro.
Aos poucos tudo vai ficando quieto,
Já não ouço os pássaros cantarem,
Tento me levantar, mas não tenho forças,
Não enxergo nada e nem ouço mais.
O lápis quase cai da minha mão,
Com muito esforço ainda consigo segurá-lo.
Sentado nessa escada, vou sentindo meu corpo morrer,
Minhas forças vão acabando,
E o frio aumentando.

Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro - Araucária. Fone: (41)3642-1622

Mutreta

meio se maloca
agita numa boca
descola uma mutuca
e um papel
sonha aquela mina, olerê

["Pivete",
Francis Hime & Chico Buarque]

Giuliano Quase

I

Tou com uma mutreta nervosa. Na medida de uma bucha pra cada. O serviço é simples. Coube no esquema. Cada um pega a sua parte e ninguém viu ninguém. Sem meias palavras. O assunto dispensa caráter. Seguem mais informações até a data marcada.

Ricardo Pozzo

II

A transação furou. O lance teve que ser adiado. Suspeitaram de algo e rola um murmúrio em torno da coisa. Mantenhamo-nos antenados porque vai rolar e quando rolar o bicho come solto. Tudo é uma questão de tempo.

III

O arquiteto me ligou. Disse que dentro de poucas semanas poderemos executar a parada. Vocês tão cansados de saber que o trâmite é jogo rápido. Então, olhar arguto: nada de vacilo. O plano continua o mesmo. Copiaram?

IV

É hoje. Indubitavelmente. Aprontem-se e me esperem no Rabo do Tatu. Disco pro orelhão e apanho você e seu caçula em dois segundos. Dirijo um Del Rey bege sem placa e não paro pra estacionar. Os dois pulam no banco de trás, o carro tem quatro portas. Vamos direto ao assunto e acabar com a brincadeira.

Bailarina, bailarina

Munique Duarte

Gregório Bruning

Quando ele me contou a história, o analgésico no armário do banheiro já havia sido engolido. Tratei de colocar o casaco e percorrer as ruas estreitas que me levavam à casa pequena de Amélia, a sofredora e rezadora incontestável de bolotas de terço. Ela sabia da missa as duas metades. Dentre algumas horas o analgésico perderia o efeito e estaria minha tumba pronta a oferecer memórias e diálogos nada reconfortantes. Odeio ter minhas horas interrompidas por rajadas de maus ventos explicados. Explosões de naftalina. Amélia que não abre a porta e aquele homem da quitanda da frente que não deixa de me olhar. Conhecido daquele porco contador de mentiras.

Batidas na porta. A voz sufocada de Amélia pede para aguardar. Quando abre, a naftalina já escorre pela minha traqueia e faz pouso no meu cerebelo por quarenta dias. Oferece café ralo e não pede licença ao acender o cigarro amassado saído de dentro da gaveta. Recuso o café que de repente aparece na sala contra a minha vontade. Naftalina e fumaça de cigarro juntas no meu cerebelo por setenta dias. Sem rodeios, mas tomando o café aos poucos para ganhar tempo, pergunto sobre ele. A casa de Amélia fica amarela como as paredes do banheiro da casa dela. Sorriso de dentes tortos e pretos de fumo. O olhar tenta escapar pela janela, mas eu sei que Amélia sabe. Sei que vai se levantar e tentar abrigo temporário na privada para ganhar tempo. Eu sei. Ela também. Mas não tirou o traseiro do sofá para ganhar tempo entre paredes amarelas, e sim para me mostrar uma caixa pequena que traz dentro uma bailarina de marfim que dança um som de ópera ultrapassada. Só a bailarina, sem joias ao redor. Amélia diz que ao escutar a música rodada pela bailarina ele iria me contar o resto da história. Ir embora, porque Amélia era enigmática e eu não queria acompanhar suas rezas de terço quando o cuco batesse as seis horas inegáveis.

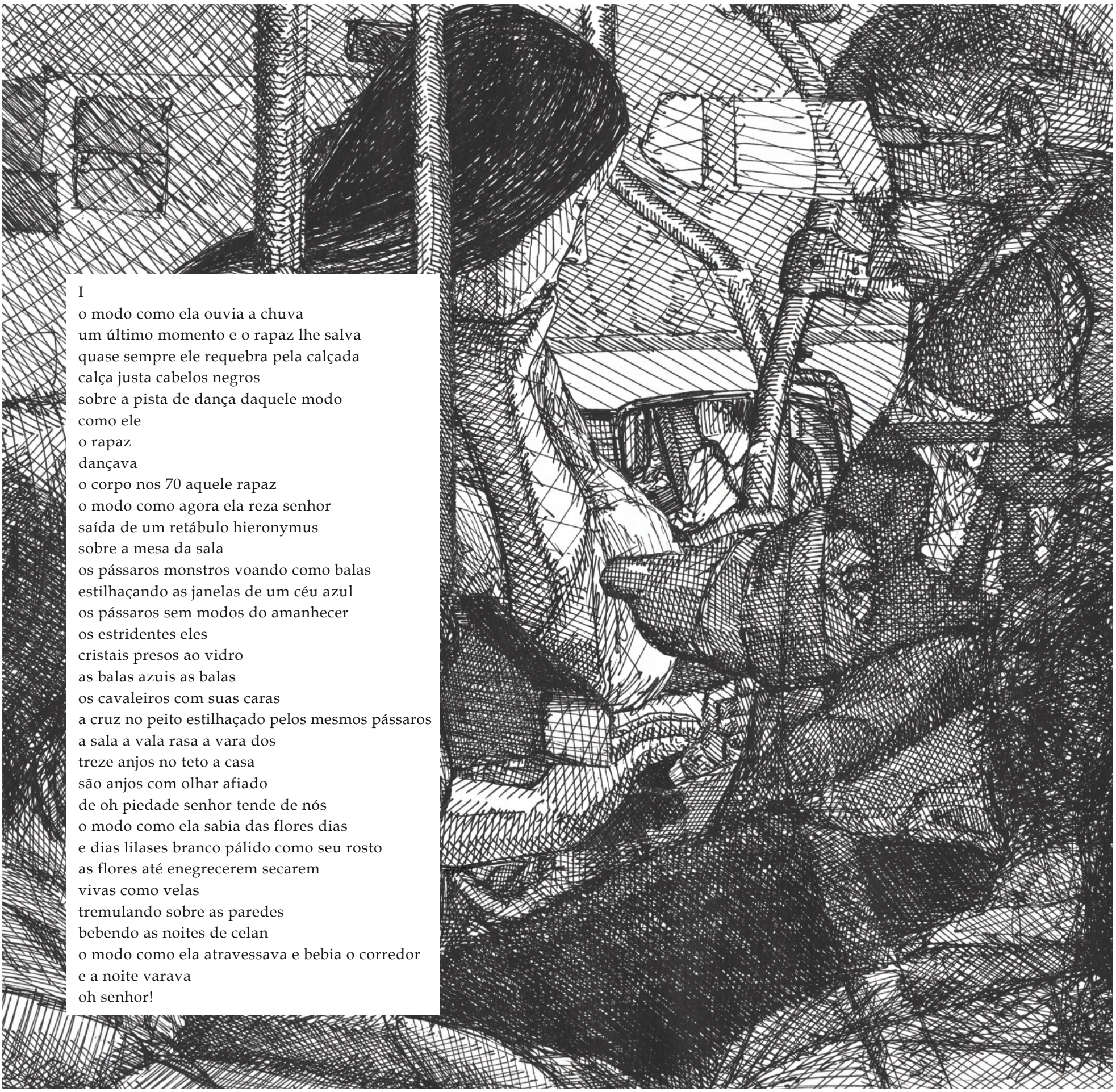
Hora de percorrer as mesmas ruas estreitas e voltar para minha casa que não guarda naftalina ou paredes amareladas. Consigo ainda dobrar os joelhos para limpar minhas próprias privadas. O armário do banheiro sem analgésico para curar o mal que a naftalina me fez. Espero que a caixa de música irritante traga o meu alento necessário.

Passaram-se os dias e as noites. Quarenta luas nascidas para ser exata. A naftalina com cigarro desgrudou do meu cerebelo. Ele bateu na minha porta mais uma vez. Bem tarde. Dessa vez não houve histórias, nem analgésicos. Ao ver a bailarina, ele sorriu amarelo e despreparado. Sorriu o sorriso de Amélia. Dizem que quando duas pessoas vivem juntas por muitos anos elas passam a ser mesma coisa. Passam a ser uma pessoa só, com os mesmos trejeitos, sorrisos, gestos e fios de cabelo branco. A casa amarelou inteira. Roubei o que era de Amélia. Não era Amélia quem roubava de mim. Vergonha de interferir na vida alheia de paredes encardidas. Hora de regressar por ruas estreitas. Sozinha.

Não quero que as seis horas do cuco cheguem. Não quero minha casa com paredes amareladas. Não quero bailarinas, mesmo achando que o rosa das sapatilhas que elas usam é da cor da minha echarpe favorita. Naftalinas me lembrarão para sempre dos meus dias desassossegados.

oh senhor!

Jussara Salazar



I
o modo como ela ouvia a chuva
um último momento e o rapaz lhe salva
quase sempre ele requebra pela calçada
calça justa cabelos negros
sobre a pista de dança daquele modo
como ele
o rapaz
dançava
o corpo nos 70 aquele rapaz
o modo como agora ela reza senhor
saída de um retábulo hieronymus
sobre a mesa da sala
os pássaros monstros voando como balas
estilhaçando as janelas de um céu azul
os pássaros sem modos do amanhecer
os estridentes eles
cristais presos ao vidro
as balas azuis as balas
os cavaleiros com suas caras
a cruz no peito estilhaçado pelos mesmos pássaros
a sala a vala rasa a vara dos
treze anjos no teto a casa
são anjos com olhar afiado
de oh piedade senhor tende de nós
o modo como ela sabia das flores dias
e dias lilases branco pálido como seu rosto
as flores até enegrecerem secarem
vivas como velas
tremulando sobre as paredes
bebendo as noites de celan
o modo como ela atravessava e bebia o corredor
e a noite varava
oh senhor!